

feridas de guerra
império – livro um
anthony riches

Tradução de Jorge Colaço



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Para Helen,
pela inquebrantável paciência e encorajamento.
E, acima de tudo, por Silloth.*

AGRADECIMENTOS

OS AGRADECIMENTOS MAIS IMPORTANTES QUE ESTE AUTOR DEVE fazer são, de longe, os dirigidos à família próxima, Helen, John, Katie e Nick. Suspeito que teria havido rostos mais carrancudos naquele dia de «verão» de 1996, se tivesse ficado claro o que a visita a Housesteads, a localização de «O Morro»¹ em *Feridas de Guerra*, haveria exatamente de significar em termos da minha relação intermitente com o manuscrito — e por conseguinte, em certa medida, com os meus entes queridos — ao longo dos doze anos seguintes.

As influências orientadoras que me levaram a pôr as mãos num processador de texto com intenções sérias — ainda que eu não estivesse muito seguro de qual era essa intenção, nessa altura, a não ser o sentimento ardente de que poderia fazer *aquilo* — foram, por ordem cronológica: a minha mãe, pelas cartas e o hábito da leitura; o meu pai, por tê-lo alimentado com a sua luminosa coleção de livros de história militar e o debate altamente informado e intransigente de cada novo tema à medida que a consumia avidamente; e Michael Elliott-Bateman por me ensinar a ler as histórias muito mais interessantes ocultas nas entrelinhas. Por último, com o hábito da escrita já estabelecido, os romances de Steven Pressfield e (claro) Patrick O'Brian destacam-se como tendo-me fornecido padrões em relação aos níveis de qualidade que seriam necessários à minha escrita, se quisesse ter alguma hipótese de publicação. O Sr. Pressfield, em particular, sendo os seus temas tão próximos do período da história que escolhi e tendo tão notáveis capacidades, deixou-me, em mais do que uma ocasião, a olhar para o ar, perguntando-me se deveria sequer continuar o meu manuscrito inacabado. Atribuo a *Gates of Fire* (*Portas de Fogo*, na

¹ «The Hill», *Vercovicium* na toponímia romana (Housesteads, Northumberland). (*N. do T.*)

edição portuguesa), mais do que a qualquer outro livro, uma influência no meu eventual estilo.

Ao escrever *Feridas de Guerra*, dependi de mais fontes de informação do que aqueles de que me consigo lembrar, mas o notável *site* da Internet originalmente criado por Kevan White (www.roman-britain.co.uk) exerceu influência particular. Kevan mostrou-me que os secos topónimos latinos que atribuímos aos fortes da Muralha de Adriano — e a muitos outros locais — ocultam imenso da nossa compreensão aquilo que fazia os romanos pulsar, essencialmente e sem surpresa, como qualquer outra sociedade humana. No instante em que Brocolitia (Carrowburgh) se tornou «Tocas de Texugo» (a tradução à letra do Latim) na minha cabeça, uma porção de outras coisas mais mudou na minha visão dos ocupantes da Muralha. O *site* de Kevan é uma excelente fonte de informações de todos os géneros relativamente à Muralha de Adriano e aos seus ocupantes. Qualquer leitor com curiosidade para investigar para lá do meu uso necessariamente leve da riqueza de informação disponível sobre este período da história britânica não tem melhor ponto de partida. Não sou académico já há mais de vinte e cinco anos, e por isso os meus contactos com a academia têm necessariamente sido limitados, mas devo destacar o agradecimento ao Dr. Simon James, da Universidade de Leicester, pela sua ajuda para compreender os padrões de utilização da terra ao longo da Muralha, nos finais do século II. Por último, quando se trata de agradecer aos responsáveis por retirar o manuscrito da sua longa hibernação nos meus sucessivos dispositivos de memória, diversas pessoas foram fundamentais. Por aquelas palavras fatais «o meu livro está a vender bem», numa noite fria e ventosa num gabinete de segurança de Belfast, e pelo seu encorajamento de camarada de letras, Gerry Tate, autor de *Cappawhite*, merece um agradecimento especial. Comprem o seu livro! Daniel Kelly e John Mahon foram ambos encorajadores numa altura em que eu começava a deixar que algumas pessoas vissem o que eu andara alimentar há tanto tempo, e ambos me fizeram críticas honestas e construtivas que aumentaram a minha confiança na ideia de tentar que fosse publicado.

De forma decisiva, Robin Wade, da Wade and Doherty Literary Agency, viu o suficiente no meu original para tentar vendê-lo em meu nome, e Carolyn Caughey, da Hodder and Stoughton, viu o suficiente para o pôr diante de leitores pagantes. Estou extraordinariamente reconhecido a ambos. A sua aceitação do original para representação e depois publicação foram para mim momentos de revelação.

Sem todas estas influências, fontes, críticas e profissionais da edição não haveria *Feridas de Guerra*, nem as histórias que seguem na série Império enquanto Marcus Valerius Aquila leva a sua luta pela sobrevivência e vingança a todos os pontos do império do imperador Cómodo. Para todos os mencionados, e para aqueles que omiti por razões de espaço, quer por instilarem a ideia da publicação quer por ajudarem a tornarem isso possível, os meus sinceros agradecimentos.

 MURALHA DE ADRIANO

 FORTE

 TRÊS MONTANHAS



FORTE DOS
TEIXOS



MURALHA DE ADRIANO

AD181

RIO
VERMELHO



RIO
ESTREPIOSO



FORTE
COCIDIUS



PICO
ROCHOSO



FREIXO



O MORRO



VALE
TORTO



AS PEDRAS

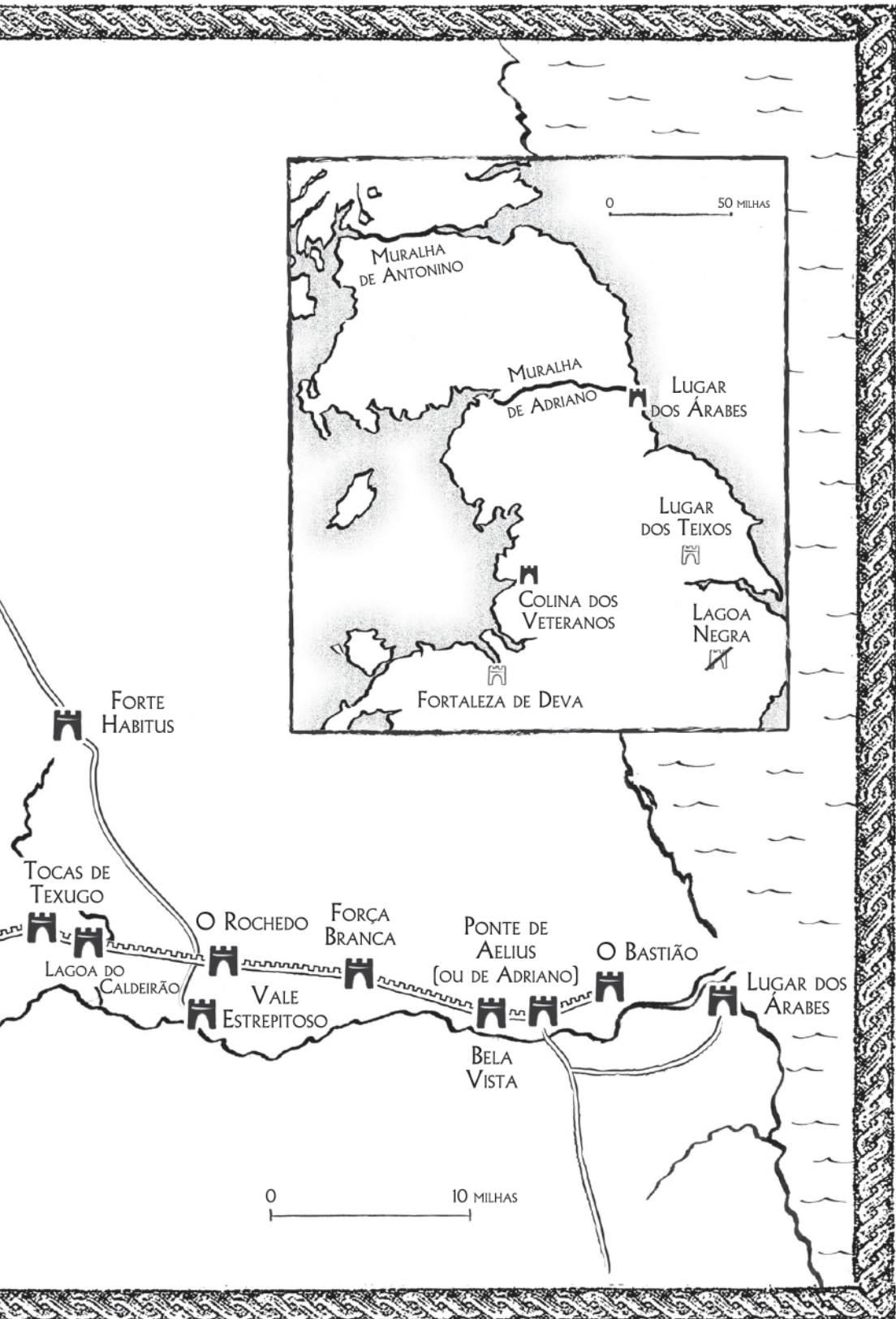


FORTE DA
BEIRA-RIO



PRADO
BRANCO





P R E Â M B U L O

Novembro, 181

UMA RÍSPIDA BRISA OUTONAL REMEXEU AS FOLHAS QUE REVESTIAM o chão da floresta e as fortes rabanadas erguiam um punhado de folhas caídas num breve bailado espiralado antes de novamente as deixar tombar, trémulas, no solo.

Pisando suavemente o solo manchado de sombras, um pequeno grupo de caçadores avançava lentamente para fora da floresta sombria de lanças erguidas e prontas a serem lançadas². Os homens caminhavam com cuidado deliberado, erguendo cada pé lentamente e voltando a descê-lo sobre o tapete de folhas com uma suave delicadeza. Os seus movimentos eram inconscientemente coordenados, cada homem obviamente familiarizado com as ações dos seus camaradas, fruto de uma longa prática. Calgus, chefe tribal dos Selgovae e governante indiscutível das tribos livres do Norte, fazia o que costumava fazer para descontrair quando não percorria as terras a norte da muralha romana, fazendo avançar os preparativos para a guerra que se avizinhava. Acompanhado pelos cinco homens da sua guarda pessoal, Calgus andava à caça de javalis selvagens.

Enquanto o seu domínio sobre a terra a norte da muralha romana que dividia a Britannia em duas metades era absoluto, tanto pelo direito de sangue como pelo simples jugo dos outros líderes tribais, a presença dos seus protetores mais próximos era uma óbvia necessidade.

Com uma presença imperial que pairava a cerca de oitenta quilómetros a sul, era prudente presumir o pior, mesmo numa coisa tão simples como um dia de caça.

² O exército romano utilizava uma grande variedade de armas que aqui aparece subsumida na categoria genérica de «lanças», mas que tinham constituição, peso e modos de utilização diferentes. Por exemplo, as lanças de infantaria, destinadas ao arremesso (*pilus*), eram, na verdade, dardos, muito mais pequenos e leves que as lanças usadas no ataque direto (*hastae*). (N. do T.)

— Os porcos parece terem-nos sentido o cheiro, senhor, ou então alguma outra coisa os assustou.

O que acabara de falar cuspiu com repugnância para o meio das folhas. Um outro homem, que caminhava suavemente pelo chão folhoso à sua frente, assentiu, mantendo os olhos fixos no caminho adiante.

— Aye. Se isto continua assim, estaremos reduzidos a ouriços assados.

Calgus riu entredentes, baixinho, sopesando a lança como se para recordar o seu equilíbrio.

— Conheces as regras, Fael. Só comemos o que matamos em caça aberta. Se queres pôr carne na fogueira esta noite, mantém-te calmo e alerta e de lança pronta a arremessar. Podes oferecer uma oração a Cocidius³ enquanto o fazes. Reza para que um veado grande cruze o teu caminho. E tu, Caes, apesar de a população animal da zona não estar a saltar para cima da tua faca, não querias estar noutra sítio qualquer num belo dia como este, pois não?

Caes fez uma careta, simulando um gesto de espetar com a lança para sublinhar a sua opinião.

— Preferia estar a caçar romanos, senhor.

Fael sorriu para Calgus, erguendo as sobrancelhas numa expressão que queria dizer «aqui vamos nós outra vez». Estavam habituados ao ódio sedento de sangue do guarda pessoal pelos seus antigos senhores. Calgus piscou-lhe o olho antes de falar, desviando por um momento o olhar da floresta circundante.

— Sim, Caes, tal como nunca te cansas de nos dizer. Quando por fim conseguirmos que as tribos entrem em guerra com eles, libertar-te-ei desta cansativa obrigação e ponho-te na linha da frente e dou-te a oportunidade de brandir uma machada com os outros campeões e...

Caes, virando-se para retorquir com um sorriso irónico, guinou para trás com o súbito impacto de uma flecha de caça que lhe perfurou o peito com a sua ponta rebarbada, com um ruído semelhante ao de uma lança espetada com força nas costelas de um javali. Baixou os olhos estupidamente para a haste da flecha por um momento antes de cair de joelhos e depois ficando de gatas. Um pouco mais à sua frente, Fael tombou para trás sobre as folhas com uma flecha atravessada no pescoço, borrifando um leque de sangue brilhante pelo chão da floresta.

Calgus voltou a virar-se para a frente e sopesou a lança, consciente de que estava imensamente vulnerável quer lutasse, quer fugisse. Os archeiros

³ Deus caçador equivalente em grande parte ao deus Marte dos romanos. (*N. do T.*)

ocultos soltaram mais um par de flechas que atingiram os homens à sua esquerda, enquanto os restantes guardas procuravam ainda um alvo para as suas próprias lanças. O seu último companheiro caiu quando avançou para defender o seu rei, a sua lança descrevendo um arco inútil em direção às árvores num último arremesso desesperado ao mesmo tempo que ele sucumbia com duas flechas no peito. O rei ficou um tempo à espera de chegar a sua vez, firmando-se contra o impacto de uma flecha, mas não veio nenhuma. Espetando a lança em desafio na terra macia, desembainhou a espada, e o seu raspar metálico soou alto no súbito silêncio. Bradou na direção do sombrio amortecimento da floresta, erguendo a arma em posição de combate.

— Vinde, acabemos com isto. Espada, lança ou arco, é-me indiferente. Posso ir ao encontro de Cocidius sabendo que quem quer que sois, para mais longe que fujais, o meu povo dar-vos-á caça e esventrar-vos-á pelo que hoje fazem.

Após outro momento de silêncio, em que o único ruído era o arfar da sua própria respiração, figuras irromperam a coberto dos enfezados arbustos da floresta. Quatro homens se perfilaram, dois de arco a tiracolo e de espada desembainhada, dois prontos a atirar as suas lanças. Estes últimos avançaram até uma distância de lançamento de alcance fácil, ao passo que os outros dois os seguiram com mais vagar. Um deles, de rosto obscurecido por um capuz, falou, enquanto o outro, de barba preta e porte atlético, com uma comprida espada à cintura, se manteve impassivelmente a seu lado.

— Então, Calgus. Parece que te pusemos em desvantagem.

O seu latim era culto, quase polido.

O bretão riu-se, perturbadoramente descontraído perante as lanças em riste.

— Então, romano, vieste falar. E ali estava eu, firmando-me bem para receber a tua lâmina.

A figura encapuzada assentiu lentamente.

— Oh, sim, és tal e qual como dizem. Acabei de massacrar a tua guarda pessoal... bem, a maior parte dela...

Apontou para Caes, ainda desamparado de gatas, com um fio de baba sanguinolenta a escorrer-lhe da boca.

— Acaba com este.

O seu companheiro fez reluzir a sua espada e avançou, espetando-a no pescoço descoberto do impotente bretão, depois retrocedeu mantendo a

espada empunhada. Calgus manteve-se de pé, completamente imóvel, assistindo impassível ao ato. O homem encapuzado falou de novo.

— Assim está melhor... e, todavia, aí estás tu, tão descontraído como se fôssemos os teus mais antigos amigos e não assassinos estrangeiros com a tua vida na ponta das nossas lanças e os teus irmãos guerreiros mortos às nossas mãos. Bem, Calgus, apesar de toda essa bravata, obviamente genuína, ainda não é claro se vives ou morres. Nem mesmo para mim... Basta uma palavra aqui ao meu camarada de arestas muito pouco limadas e ficarás com as tripas a fumar entre as folhas, sem pensar duas vezes e certamente sem nenhum remorso. Podes ser um problema remetido para Roma num piscar de olhos, ou um aliado de um romano em particular ao longo dos próximos meses. Escolhe a primeira hipótese e acabarás os teus dias aqui, com pouca honra e nenhuma dignidade. Escolhe a última e habilitar-te-ás a ganhar um troféu maior do que o de qualquer rei desta terra nos últimos cem anos.

O bretão semicerrou as pálpebras, procurando discernir a verdade nos olhos do seu inimigo.

— Que troféu?

— Uma águia, Calgus, o estandarte de uma legião imperial⁴, e muito possivelmente a cabeça do comandante dessa legião para dares uns chutos. Então, rei da «Britannia livre», estás na disposição de discutir um acordo comigo, ou preferes negociar com a lâmina deste bárbaro?

— Parece que não me deixas muita escolha. Que testemunho tenho da tua sinceridade, se isto é um acordo feito pela força da tua espada? E como sei se o vais manter?

O homem encapuzado fez um aceno de assentimento ao seu companheiro, que atacou o lanceiro mais próximo com velocidade inesperada e o deixou tombado entre as folhas com a garganta aberta, depois virou a espada e baixou-se para evitar o arremesso das lanças dos outros. Espetou a ponta da espada nas costelas do homem com um poderoso impulso, depois girou-a rapidamente para a libertar, deixando que a ferida aberta salpicasse de sangue os seus pés calçados ao mesmo tempo que o homem caía desamparado no solo e começava a sangrar.

— Vais precisar de um sinal da tua luta vitoriosa com os teus possíveis assassinos se a tua gente não for capaz de cheirar uma ratazana. Acho que

⁴ Unidade maior do exército romano, dividida em seis centúrias, por sua vez formadas por nove ou dez coortes, comandadas por centuriões, cada uma delas constituída por dez contubérnios de oito homens. (*N. do T.*)

consegues arranjar uma história bem colorida para explicar como enganaste os teus homicidas. E sei que vais cumprir o acordo se o fizeres... os incentivos que estou a oferecer são demasiado fortes para que faças qualquer outra coisa. Agora, decide-te, Calgus. Vamos ser parceiros na tua há muito planeada guerra contra o meu povo?

Calgus cuspiu para o meio da folhagem.

— Apesar do mau gosto que sinto na boca, considerarei o teu plano.

— Ótimo. Agora dá-me esse reluzente broche com que fechas a capa. Não te preocupes, vê-lo-ás de novo noutra lugar...

Calgus desprende o broche, a réplica de um escudo feita de ouro ricamente trabalhado, decorado com um padrão espiralado, com uma peça de âmbar polido na bossa do escudo, depositando-o na palma da mão estendida. O homem encapuzado afastou-se, retribuindo uma despedida por sobre o ombro enquanto o companheiro recuava a seu lado, embainhando a espada e tirando o arco preso a tiracolo. Puxou uma flecha e ergueu o arco, pronto a disparar, dissuadindo qualquer ideia de perseguição.

— Ver-me-ás de novo, Calgus, mas não antes de pores a tua gente no campo de batalha com a morte no coração.

Os dois homens fundiram-se com as profundezas sombrias da floresta, perdidos da vista do rei. Este ficou a olhar fixamente, por algum tempo, o ponto onde se tinham sumido, antes de regressar para os seus companheiros caídos.

— Com a morte no coração, romano? Não vai ser difícil de arranjar.



Februarius, 182

UM DOS SOLDADOS DA FILA DA FRENTE FOI O PRIMEIRO A AVISTÁ-LOS, umas boas três dúzias de homens cujo contorno se desenhava contra o horizonte luminoso da tarde, onde a estrada se elevava para ultrapassar uma crista que cruzava o seu caminho na sua longa descida desde a aba leste dos montes Peninos. Bradou um alerta numa voz enrouquecida pela urgência. O comandante do pequeno destacamento, um oficial da guarda, veterano, de rosto sulcado pela experiência, deteve-se a meio da passada e seguiu a direção do braço com que o homem apontava, demorando algum tempo a medir o grau das dificuldades com que se debatiam. Quando a estrada se elevara nos pontos de observação anteriores, não tinha visto nenhuma das tropas adiante ou atrás deles, apenas a carroça arrastada por uma mula por que tinham passado havia uma hora, agora muito lá para trás. Aquele punhado de bárbaros acabaria rapidamente com os seus dezasseis homens, e a pesada couraça dos legionários excluía qualquer hipótese de que pudessem passar adiante dos emboscados, regressando à estrada para sul. Largando o saco do equipamento na beira da estrada, tirou a espada e apontou-a na direção do inimigo distante. A menos que incitasse as suas tropas hesitantes a entrarem rapidamente em ação, o pequeno pelotão desfar-se-ia antes de ficar ao alcance das lanças dos bárbaros.

— Baldes de mijo e escudos! Formar uma linha!

Pontapeou um dos homens mais próximos no traseiro para reforçar a sua ordem. Com força.

— *Mexam-se, porra!*

Os legionários largaram os sacos ao lado do caminho, tentando soltar os escudos presos a tiracolo com dedos dormentes pelo medo, rapidamente formando uma linha de um lado ao outro da estrada. Os elmos, que

anteriormente lhes pendiam do pescoço, foram feitos deslizar sobre as suas cabeças, e as proteções laterais deram aos seus rostos, subitamente pálidos de terror, um toque de uma muito necessária brutalidade marcial.

— Olhos fixos em mim! *Em mim!*

Os legionários tiraram de má vontade os olhos de cima dos bárbaros que avançavam, e que agora fluíam pelo declive pouco profundo a algumas centenas de passos de distância.

— Não se preocupem, vocês são lindos comparados com as raparigas daqui, aquele bando está provavelmente à procura de uma queca e não de uma briga.

Um ou dois de entre eles sorriram palidamente, o que era melhor do que nada.

— E lixaram-se ao darem-nos tempo para nos vestirmos a preceito para a festa. Por isso, *quando* eu der ordem, arremessem as lanças, desembainhem as espadas e preparem-se para que eles atinjam os vossos escudos. *Usem* os escudos para os fazer recuar! *Não* abandonem a linha. Eles querem que lutem sozinhos, para serem três para um, ou que fujam para que vos possam espetar o rabo. A *vossa* melhor hipótese...

Deu uma estalada num homem cujo olhar errara de novo em direção aos bretões em marcha.

— Em *mim!* A *vossa única* hipótese é permanecerem em linha, e defenderem-se e trespassarem sem cessar, como já fizeram mil vezes em exercícios. Eles desistirão assim que perceberem que não somos uma presa fácil. Eu estarei atrás de vós e *avançarei* para o lugar do primeiro homem que caia! Lanças... *prontas!*

Espreitando junto da retaguarda da linha, olhou para o terreno, calculando pelo número de manchas escuras que alastravam na poeira da estrada quantos dos seus homens tinham já perdido o controlo da bexiga. Havia tanto vapor de urina no ar glacial de inverno que até a capacidade de esperarem em fila pela carga dos bárbaros estava em risco. Estariam todos mortos dentro de cinco minutos, percebeu ele, encolhendo os ombros e preparando-se para dar boa conta de si. Os homens que o destacamento escoltava tinham desmontado dos cavalos; o veterano atarracado e o seu companheiro, mais novo e mais alto, formavam um par peculiar. Malditos civis. Pelo menos tinham meios de fuga.

— Se vão cavalgar em busca de auxílio, esta seria uma boa altura!

O homem mais velho, veterano da legião, se o oficial avaliava corretamente, simplesmente devolveu um sorriso, de olhos verdes a reluzirem

num rosto desgastado pelo tempo, ainda rosado apesar da perspectiva de morte iminente. Estava, obviamente, nos seus quarenta e muitos anos e, pela qualidade das suas roupas, bem na vida, de capa cruzada sobre o peito, caindo sobre o ombro, à maneira militar. Enquanto o civil mais jovem acompanhara o destacamento desde que saíra da fortaleza na Lagoa Negra⁵, a três dias de marcha para sul, o homem mais velho viajara para o pequeno forte que os abrigara na noite anterior, chegando bem depois de o Sol se ter posto. A sua aparente despreocupação com o perigo de encontrar ladrões na estrada causara mais do que alguns sobrolhos franzidos entre as tropas mais experimentadas, apesar da cota de malha por baixo da capa, da espada curta com o padrão da infantaria suspensa da cintura e do modo resolutivo de agir.

— Chamo-me Rufius, antigo oficial da Sexta Legião imperial. Nunca fugi de um combate em vinte e cinco anos de serviço, e não é agora que vou quebrar esse hábito... Além disso, ver-nos-emos livres deste bando facilmente.

O oficial assentiu lentamente.

— Muito bem. E você?

O homem mais novo abanou a cabeça sombriamente, demasiado tenso para brincadeiras, desembainhando uma longa espada de cavalaria com um reluzir de aço polido. O oficial da guarda perguntou-se de que serviria, dado que o seu proprietário parecia mal ter saído da adolescência. A voz, quando falou, pareceu forte, dura, sem qualquer vestígio de tremor, que seria de esperar dadas as circunstâncias.

— Marcus... Marcus Valerius Aquila. Também eu não fugirei.

O militar veterano que estava junto dele assentiu em aprovação, desembainhando a espada e indicando com um gesto a linha de legionários.

— Vamos?

O oficial da guarda encolheu os ombros, virando-se para encarar o bando que se aproximava.

— É o vosso funeral. Fiquem comigo, agora são a minha reserva. Quando um homem cair, ocupam o lugar dele na linha. À direita, destacamento, lanças prontas a arremessar... *esperem pela carga!*

O trote dos bárbaros transformara-se agora em corrida, encurtando rapidamente a distância que restava entre eles. Meia dúzia deles transportavam machados, grandes lâminas de cortar árvores que rachariam um homem até à cintura ou lhe decepariam um membro, tivesse couraça ou

⁵ «Dark Pool», *Lindum* na toponímia romana (Lincoln, Lincolnshire). (*N. do T.*)

não. Estavam agora suficientemente perto para que os detalhes se destacassem, os cabelos cor de cal saindo-lhes rigidamente da cabeça, padrões azuis girando-lhes nos rostos e joalheria cintilante à luz branca da tarde, suficientemente perto para que os seus roucos gritos de batalha lhe eriçassem os cabelos da nuca. Este não era um encontro casual, mas um bando de guerreiros tribais vestidos e armados para a batalha, provavelmente também incendiados pela cerveja local, de olhos arregalados e dentes à mostra, com rosnidos de antecipação ansiosa. A linha do destacamento estremeceu, mais do que um homem começou a encolher-se para trás na perspectiva da iminente morte brutal. Antes de alcançarem o ponto de rutura coletivo, o veterano aproximou-se pela retaguarda, enrugando a pele do homem mais de trás com a ponta da sua espada. Falou num tom trivial, suficientemente alto para que o destacamento o ouvisse acima da crescente vozearia dos bárbaros que se aproximavam.

— Volta para a linha, rapazinho, ou aqueles filhos da mãe de nariz azul⁶ não terão oportunidade de tratar de ti.

Mais de um soldado o olhou de olhos arregalados, enquanto o legionário em questão se moveu de novo para diante. Um ou dois dos marujos mais velhos, homens que já sabiam, e com sombria resignação aceitavam, que as suas vidas estavam prestes a tornar-se breves e interessantes quer lutassem ou fugissem, sorriram em silencioso reconhecimento e ergueram os escudos ligeiramente numa reação inconsciente à voz de comando. O oficial da guarda acenou com a cabeça com respeito, mantendo os olhos nos bárbaros que carregavam e levantando a voz para ser ouvido acima dos seus gritos roucos.

— Esperem pela carga... Lanças...

Quando o oficial da guarda abriu a boca para ordenar que as lanças fossem arremessadas, nos últimos segundos antes de os bretões atravessarem a frágil parede de escudos, uma agitação na orla da floresta, a cinquenta passos para a esquerda, chamou-lhe a atenção. Voltou rapidamente a atentar nos acontecimentos mais urgentes que tinham lugar a vinte passos dos escudos dos seus homens.

— Lançar! *Lançar!*

Os legionários arremessaram as suas lanças com força para o meio da massa de homens que se aproximava, fazendo cair redondos dois deles aos gritos e arrancando os escudos a meia dúzia de outros, depois

⁶ Referência à cor das pinturas corporais que se julga terem sido usadas pelos guerreiros tribais, frequentemente designados no texto como «caras-azuis» ou «narizes-azuis». (*N. do T.*)

desembainharam as espadas e firmaram-se para aguentar a carga. Com o estrondo de metal contra aço, os bárbaros precipitaram-se contra a defesa dos seus homens. O puro peso da quantidade forçou a linha a recuar meia dúzia de passos antes de os legionários desesperados conseguirem absorver a força. Apenas o ligeiro declive favorável à sua defesa os salvava de serem esmagados pelo impacto, estimou o oficial da guarda. Retrocedeu para trás deles para manter a sua posição, observando com espanto quando soldados couraçados começaram a emergir das árvores por trás dos atacantes. A gritaria inicial da carga e do contacto desvanecera-se, e ambos os lados lutavam num silêncio quase total, quebrado apenas pelo arfar ofegante da respiração e os ocasionais grunhidos de esforço ou gritos de dor.

À sua frente, um homem cambaleou, indo morrer fora da linha, bailador exímio como nunca vira nenhum, de garganta rasgada numa fonte de sangue quente cujo odor a cobre lhe empestou as narinas. Os homens dos dois lados da súbita brecha na linha chegaram-se uns aos outros, incapazes de preencherem adequadamente o espaço deixado vazio pelo moribundo. Enquanto o infortunado se estendia a todo o comprimento na superfície empedrada da estrada, a vida esvaindo-se-lhe em espasmos sobre uma poça do seu próprio sangue, que rapidamente alastrava, Rufius empurrou com o ombro o seu companheiro mais novo, agarrou o escudo caído e ocupou o seu lugar. Desviando com o escudo um maldoso golpe de machada, avançou com uma velocidade e uma graça, que desmentiam o seu cabelo grisalho, para esventrar o dono com uma rápida estocada do seu gládio enquanto o guerreiro tribal se debatia para manter o equilíbrio. Apertando as vísceras fumegantes, o bárbaro caiu de joelhos, olhando horrorizado a ferida terrível com um sempre crescente lamento de angústia.

Um outro homem do pequeno destacamento tombou com uma machada enterrada profundamente no ombro enquanto o proprietário deste, pintado de azul, lutava freneticamente com o cabo, tentando libertar a lâmina. Num segundo, Marcus Valerius Aquila estava no espaço vazio, curvando-se para agarrar o gládio do homem caído com a mão esquerda ao mesmo tempo que fazia deslizar a sua espada de cavalaria, espetando-a abaixo das costelas do manobrador da machada com uma perfeita estocada mortal, ficando com o rosto cheio de sangue como preço a pagar pelo êxito do seu ataque. Cortando uma lança arremessada da sua esquerda com a arma tomada de empréstimo, rapidamente tirou a espada ao bárbaro agonizante com um pontapé, utilizando a lâmina livre para decepar a mão do lanceiro antes de girar o pulso para balançar a sua longa espada e decapitar com destreza um

outro atacante à sua direita. Retrocedendo para a linha a fim de se reequilibrar, mantendo o gládio em riste com a mão esquerda, e recuando a espada mais comprida de modo a nivelar as pontas das duas armas, fez uma pequena pausa, com a respiração ofegante pelo súbito esforço, de olhos arregalados pelo choque do combate, mas ainda à procura de novos alvos. Os bárbaros mais próximos dele afastaram-se cautelosamente da luta, quase comicamente conscientes da súbita ameaça que as espadas gémeas constituíam.

De trás do grupo de guerreiros, uma voz gutural gritou roucamente num britânico entrecortado acima do ressoar do metal, e uma espada apontou para o lugar do oficial reformado na linha.

— Matar oficial! Matar *ele*!

Distraído da sua boquiaberta apreciação da esgrima de Marcus por um movimento captado pela sua visão periférica, o oficial da guarda viu a sua atenção ser de novo arrastada para a esquerda do destacamento, onde os recém-chegados da floresta avançavam rapidamente para combaterem o flanco e a retaguarda dos bárbaros. Os dez homens correram velozmente até à distância de uma dúzia de passos, arremessaram as lanças para a desprevenida retaguarda do inimigo, depois desembainharam as espadas, e, com gritos sedentos de sangue, lançaram-se para as suas costas desprotegidas. Agarrando a sua oportunidade com ambas as mãos, enquanto os guerreiros tribais mais perto dos seus homens começavam a olhar por cima do ombro com perplexidade perante os gritos dos seus camaradas agonizantes, o oficial da guarda deu a única ordem possível.

— Contra-atacar! Escudos e espadas, empurrar e trespassar! Vamo-nos a eles, seus filhos da mãe sonolentos!

A reação foi quase sem pensar, o resultado da prática de mil exercícios estúpidos. Os legionários massacraram arduamente, com as bossas dos escudos, a cara dos bretões, depois avançaram um passo com um impulso coletivo das suas curtas espadas. Dois dos guerreiros tribais distraídos tombaram aos gritos, enquanto vários outros recuaram, dando tempo e espaço à linha para repetir o ataque. O líder dos guerreiros virou-se para enfrentar os novos atacantes, trespassando um com poderoso impulso, desembainhou a espada e rugiu em desafio enquanto avançava para a linha deles. Um soldado maciço com um elmo encimado por uma crista saiu ao seu encontro, desviando o golpe de espada com um toque quase casual do escudo antes de afundar a sua própria arma no peito do bárbaro num movimento rápido e fluido, torcendo-a para soltar a lâmina ao mesmo tempo que empurrava brutalmente o moribundo ao longo dela. Um guerreiro

solitário virou-se e fugiu perante a visão, a que se juntou outro um segundo depois. Tal como um dique sobrecarregado que se desmorona gradualmente, outros dois correram atrás dos primeiros, depois cinco, ponto em que o que restava simplesmente se virou e fugiu. Deixaram uma dúzia de mortos e moribundos no solo.

Os romanos sobreviventes, metade dos legionários exibindo ferimentos de algum tipo, inclinaram-se sem fôlego sobre os escudos e ficaram a vê-los correr, bastante felizes por deixarem o inimigo escapar livremente quando um minuto antes tinham enfrentado a morte iminente. O oficial da guarda caminhou até aos recém-chegados, seguido a pequena distância por Rufius, enquanto Marcus deixava cair o gládio junto do seu proprietário e limpava o sangue seco da sua própria arma, subitamente exausto. O líder do outro destacamento, um homem atlético e escuramente barbado, com a crista de crina de cavalo no elmo própria de um escolhido⁷, contemplava a retirada do grupo de guerreiros com uma expressão que parecia combinar repugnância e remorso.

— Sejam vocês quem forem, rapazes, têm o agradecimento da Sexta Legião. Se não tivessem saído das árvores, estaríamos mortos. Devem ter tomates do tamanho de maçãs para fazerem o que acabaram de fazer com...

A torrente de gratidão do oficial da guarda secou quando percebeu que o outro homem não lhe estava a prestar qualquer atenção, continuando a observar a retirada dos bretões. Após um momento, o escolhido falou, lançando um olhar indiferente sobre os legionários.

— É melhor dizerem aos vossos oficiais para pararem de enviar alguma coisa menor do que uma centúria inteira pela estrada para o Lugar dos Teixos⁸. Da próxima vez não terão tanta sorte.

Virou-se para os seus próprios homens.

— Levem as cabeças, depois preparem-se para partir. Marcharemos até à fortaleza na companhia deste grupo. Vocês os dois, não mataram ninguém, que eu tenha visto, portanto podem fazer uma linga para transportar Hadrún até ao forte. Vamos pô-lo algures debaixo do chão onde ele não possa ser desenterrado de novo.

Rufius agarrou-lhe o braço, recuando de mãos bem abertas quando o

⁷ Com o termo «escolhido» se designa um oficial subalterno (*optio*, plural *optiones*), segundo no comando da centúria, que era escolhido pelo centurião (ou até eleito pelos camaradas). Exercia a sua função à retaguarda da centúria e tinha certas regalias inerentes ao seu estatuto. (*N. do T.*)

⁸ «Yew Grove», *Eburacum* ou *Colonia Eboracensium* na toponímia romana (York, Yorkshire do Norte). (*N. do T.*)

homem de constituição robusta e pesada oscilou para trás e o encarou com uma expressão irritada.

— Sem ofensa, Escolhido, mas estamos apenas a tentar agradecer-te pelo que fizeste. A maior parte dos homens na tua posição teria pensado seriamente em deixar-nos continuar por nossa conta...

Marcus recuperou momentaneamente da sua exaustão para erguer a cabeça e estudar atentamente o líder do outro destacamento e as suas tropas, no momento de silêncio que se seguiu, intrigado com a sua primeira visão de tropas nativas no campo. Usavam cota de malha, em vez da couraça protetora dos legionários, e as suas armas e vestuário pareciam de qualidade inferior. Notou, não obstante, a mesma eficiência resoluta nos movimentos, a mesma dureza esguia. Como os seus colegas da legião, estes eram homens que tinham aprendido da forma mais dura a não gastar energia no que não era essencial. Os olhos do escolhido estreitaram-se no rosto impassível.

— Somos tungros⁹, *Avô*, e estamos a cumprir o nosso dever, nada mais, nada menos. Estávamos a caminhar silenciosamente pela floresta e encontramos aquele bando junto da estrada antes de eles nos verem. Depois disso, foi só retardarmos e esperar que alguém aparecesse. Quando vimos o tamanho do vosso grupo, foi óbvio que teríamos de vir auxiliá-los... embora eu duvide que isso tenha valido a perda de um dos meus homens.

Rufius sorriu de esguelha à crua declaração.

— Compreendo melhor do que possas imaginar. E, apesar disso, de um soldado para outro, tens o meu respeito.

Virou-se, apertando um braço em volta do ombro do oficial da guarda.

— Quanto a ti, meu amigo, chamaria a isto uma bela açãozinha. Certamente que vou mencionar o teu nome aos meus amigos no campo, a ver se te conseguimos arranjar uma forma de subires para cima do teu balde de mijo. Por agora, é melhor ir ver dos feridos e depois seguir para os Teixos, não achas?

Tratar dos feridos foi relativamente fácil, apesar de o único portador de ligaduras do grupo ter perdido três dedos da mão direita por ação de uma espada bárbara, o que o tornava útil apenas para orientar o tratamento e não para providenciá-lo. Dois homens tinham morrido, o bailador e a vítima da machada, o último com a enorme lâmina ainda profundamente

⁹ Os tungros (*Tungri*) eram uma das várias tribos de origem belga (*Belgae*); ocupavam a região norte das Ardenas, ao longo do vale do Mosa, sendo vizinhos das tribos germânicas. A capital tribal era Atuatuca, hoje Tongeren (Bélgica). (*N. do T.*)

incrustada na parte superior do peito. Foram despojados das suas armas, couraça e botas e escondidos entre as árvores, à espera de serem recolhidos por uma carroça, no dia seguinte. Os tungros, entretanto, com observações agudas acerca de não deixar ninguém para trás no campo de batalha, aparelharam ostensivamente uma linga para transportarem as suas próprias baixas. Da tropa restante, três estavam incapazes de andar, mas, pondo os dois mais leves sobre um dos cavalos dos civis, e um com um ferimento de machada com péssimo aspeto no outro, foram capazes de retomar a marcha. Os bárbaros feridos foram eliminados sem cerimónia pelo oficial da guarda, retirando-lhes qualquer hipótese de sobrevivência através de sucessivos e fáceis golpes de espada.

Por fim, Marcus e Rufius seguiram atrás dos seus legionários protetores durante o resto da marcha, enquanto os tungros, vários deles com cabeças recentemente decapitadas a balançarem alegremente dos sacos de equipamento, presos pelos seus cabelos atados, seguiram, por sua vez, atrás deles.

Marcus tossiu educadamente e virou a cara para Rufius, após alguns momentos de marcha. Era alto, ultrapassando em altura o veterano por uma cabeça inteira, de constituição ligeiramente esguia, mas com a firme promessa de músculos futuros.

— Sim, meu amigo?

— Ficaria grato se percebesse melhor uma ou duas coisas. Se estiveres com disposição para falar.

Qualquer coisa na voz do jovem fez com que Rufius o olhasse mais atentamente, a linha tensa dos músculos dos maxilares do jovem traindo o facto de estar ainda a lidar com o rescaldo da escaramuça.

— Que Marte me perdoe, mas sou um velho bode sem sentimentos. Esta foi a tua primeira luta a sério? — O jovem assentiu, contraído. — Deuses, com que rapidez os hábitos de comando abandonam um homem... sempre fiz questão de agarrar nos maçaricos depois de uma luta, para os animar ou sacudi-los do choque de terem o sangue de outro homem nos lábios pela primeira vez, e felicitá-los por sobreviverem com a conta certa de braços e pernas. Embora seja obrigado a salientar que, para um maçarico, fizeste mais do que apenas sobreviver. Deixaste mais do que um dos nossos atacantes feitos num oito, sem teres sequer o benefício de um escudo como proteção. Essas habilidades não terão sido facilmente obtidas...

Acima do sorriso, ergueu uma sobrancelha interrogativa, notando que os maxilares do jovem descontraíam um pouco.

— Podes falar-me mais sobre a tua proeza com duas espadas mais tarde. Creio que tinhas uma pergunta?

— Perguntava-me sobre a razão de estes outros soldados não terem levado todas as cabeças dos bárbaros, se esse é o costume daqui...

O veterano olhou de relance as tropas auxiliares¹⁰ que vinham atrás.

— Os tungros? Quando souberes mais acerca da tropa local, compreenderás melhor. As legiões andam sempre em movimento. Há sempre uma campanha que precisa de outra legião, uma fronteira para ser apoiada, ou apenas um idiota com uma faixa púrpura na túnica que quer ser imperador. Isso significa que as legiões nunca ficam em lado nenhum o tempo suficiente para assentarem nas tradições locais, pois é a Judeia num ano, Germânia no seguinte. Além disso, servir numa legião é como ser sacerdote de um deus particularmente ciumento... ritos complicados, sacrifícios e oferendas especiais, o teu próprio modo de fazer as coisas. Numa legião, os oficiais mais velhos, o prefeito do acampamento¹¹ e os centuriões mais graduados asseguram-se sempre de que o seu modo de fazer as coisas está em primeiro lugar.

«Os auxiliares, porém, a maior parte das vezes ficam quietos onde quer que tenham sido colocados, a menos que haja uma campanha importante em curso, e mesmo assim eles normalmente voltam para casa outra vez. Criam raízes, absorvem o folclore local, começam a adorar os deuses locais. Basicamente, tornam-se nativos. Agora aquela rapaziada, foram originalmente recrutados no País dos Tungros, do outro lado do mar, mas têm estado aqui na Muralha desde que foi construída, há sessenta anos, mais ou menos, pelo que não são verdadeiros tungros, apenas um bando dos seus netos misturados com os tipos daqui. Levam as cabeças porque também é tradição daqui, mas têm também um código de honra que envergonharia um centurião de seis distintivos e nunca levam a cabeça de um homem com que não tenham lutado e não tenham matado cara a cara.

«De qualquer modo, basta de tungros, tenho a certeza de que aprenderás tudo acerca deles na devida altura. Diz-me, o que te traz aos desertos esquecidos do Norte deste país frio e húmido como um vaso de mijo?

¹⁰ As tropas auxiliares romanas era o conjunto das unidades militares formadas por soldados que não tinham a cidadania romana (ao contrário dos legionários), nomeadamente os súbditos livres das províncias, que constituíam a maioria da população do império. (*N. do T.*)

¹¹ Oficial superior da legião, dependia apenas do *legatus* e do tribuno. Ascendiam ao posto depois de terem sido Primeiros Lanceiros, ingressando depois na ordem equestre e posteriormente promovidos. A sua função principal era a organização e abastecimento dos acampamentos. Na batalha, encarregavam-se da artilharia. (*N. do T.*)

Lançou um olhar astuto ao jovem como se o estivesse a avaliar devidamente pela primeira vez, apesar do facto de terem cavalgado lado a lado metade do dia, se bem que geralmente em silêncio.

— Olhos castanhos, cabeça preto, um belo bronzado... diria que és um romano nado e criado, e no entanto estás aqui, na Britannia, a apanhar frio e a ficar húmido e cheio de sangue como o resto de nós. Dizes-me outra vez o teu nome?

— Marcus Valerius Aquila. E o teu?

— Quintus Tiberius Rufius, em tempos soldado, agora um simples fornecedor de boa comida e equipamento de qualidade superior ao Comando Norte. Muito em breve estarás a mastigar um pedaço particularmente desagradável de porco salgado e a pensar para ti próprio: «Júpiter, quem me dera ter um frasco de pickles de peixe picante de Rufius diante de mim, neste instante.» De qualquer modo, agora estamos apresentados...?

Ergueu um sobrolho inquisitivo. O jovem encolheu os ombros em aparente autodepreciação.

— Não há muito para dizer, na verdade. Estou a caminho do Lugar dos Teixos para me juntar à Sexta Legião e cumprir o meu período de serviço militar.

Rufius sorriu ironicamente.

— Matéria excitante para um homem da tua idade, imaginaria eu. Libertado do tédio da tua vida em casa para viajar através do império até ao limite da civilização e, para começar, a oportunidade de servir com a melhor legião do exército... Vais recordar estes dias como os melhores da tua vida, posso garantir-te.

— Tenho a certeza de que tens razão. Aquilo que realmente sei neste momento é o quanto anseio pelo meu primeiro banho decente desde que deixámos a Lagoa Negra. Este país tem demasiada chuva para o meu gosto, e o vento gela os ossos independentemente de quanto um homem se enrole na sua capa.

Rufius assentiu.

— Ninguém sabe disso melhor do que eu. Durante vinte e cinco anos, percorri para baixo e para cima o sovaco húmido que este país é ao serviço de imperador, ficando húmido e paralisado pelo frio, vivendo em barracões por onde passava o vento e pondo recrutas nativos pouco satisfeitos em forma para a legião. Deveria mencionar que servi na Sexta, segunda coorte, primeira centúria.

O jovem inclinou respeitosamente a cabeça.

— Primeira centúria. Eras o Primeiro Lanceiro¹² da coorte?

— Era. Foram os quatro anos mais felizes da minha vida, tudo considerado. Tinha seiscentas lanças sob o meu comando, e absolutamente ninguém para me impedir de os transformar na melhor tropa em todo este país miserável. Era senhor do meu ofício de eleição, e ninguém se meteu no meu caminho. Nenhum tribuno ou general tinha tomates para discordar de mim, essa é a verdade.

Bateu no ombro do jovem para reforçar o ponto.

— Mas deixa-me avisar-te, este país mete-se dentro de um homem como os fungos numa árvore, lentamente, furtivamente, até de repente não se poder imaginar a vida noutro lado. Tive oportunidade de voltar para casa quando o meu tempo de serviço acabou, mas não conseguia ver o interesse de ter de me adaptar a um lugar sem a permanente cobertura de uma nuvem e uma população de selvagens pintados de azul. Este lugar tornou-se a minha casa e, se ficares aqui tempo suficiente, vai-te acontecer o mesmo. Talvez a tua família tenha uma história de serviço nas redondezas?

— O meu pai tem...

Rufius alçou um sobrolho, sorrindo.

— Conhecimentos?

— ... *história* nesta parte do mundo. O meu avô comandou a legião durante três anos, antes de regressar a Roma, e o meu pai foi tribuno laticlávio¹³ no estado-maior da Sexta. O serviço militar faz parte da família, desde a República. Embora o meu pai não seja realmente um homem de armas, até por tê-lo admitido ele próprio, para grande desapontamento do meu avô. É um homem de palavras, não de ação, mas atenção, ouvi dizer que pode reduzir um homem ao silêncio sem sequer levantar a voz quando fala no Senado. Quem me dera ter a mesma eloquência.

Rufius assentiu, com ar sabedor.

— Dois oficiais de alta patente na família, e ambos serviram na melhor legião do império. És um jovem ainda com maior privilégio do que eu, à primeira vista. O que me recorda...

— Sim?

— Vislumbrei-te umas duas vezes lá, entre combates com os bárbaros

¹² O Primeiro Lanceiro (*primus pilus*) era como se designava o centurião da primeira centúria da primeira coorte de uma legião romana, sempre um soldado muito experiente, sob cujas ordens se encontravam todos os outros centuriões. (*N. do T.*)

¹³ O tribuno laticlávio (de *laticlavo*, faixa púrpura que os senadores usavam sobre a toga) era um chefe subalterno da legião, eleito entre os membros mais jovens do senado para que tomassem contacto com o exército, e respondia ao *legatus*. (*N. do T.*)

furiosos que estavam convencidos de que eu estava ainda ao serviço da águia. Continuo com curiosidade de saber onde aprendeste a fazer rodopiar a espada daquele modo...

Marcus corou ligeiramente.

— Quando foi decidido que eu serviria com a Sexta, quase antes de me conseguir lembrar, o meu pai decidiu assegurar-se de que não iria fazer má figura com a espada na mão. Pagou a um gladiador liberto para me ensinar umas coisas...

Rufius dirigiu-lhe um olhar irónico.

— Umas coisas, hein? Bem, novo amigo, se tivermos algum tempo livre no Lugar dos Teixos, podes ensinar-me uma ou duas dessas tuas «coisas»...